
3ª Parte

Poesia

De *Fernanda Quinderé*

ARQUITETURA INEXATA

Na arquitetura inexata do desejo
Rompe-se o hímen em pedaços.
Sangra a boca. Há ruptura nos laços,
Há perplexidade nas bordas do silêncio.
Braços, abraços então desatam – se
E o inexato transparece sombra na noite.
Ao olhar incontente da luxúria dá-se agonia.
Véus de espumas – espermas, tal ondas, tingem marés,
Fecham – se em círculos. Redemoinhos. Surgem estrelas.
Coroas, espinhos – traças – tramas – e cupins reincidentem
No plenilúnio inesperado dos adeuses.
Desfaz-se o sonho na fisionomia pálida do sol,
Em cores indivisíveis, ardentes que tingem o poente.
Tudo se torna brasa verde a queimar o tempo.
Ao olhar traiçoeiro da esperança
Eis que surge profano o inesperado.
O inexato azul, então vermelho,
A sanar as dores com sua espada ereta,
Inigualável transgressora,
A reanimar sabores nos lábios da alma
Que ardia, ardia, ardia em festa.
Ao gosto do mel salitrado de açúcares
Refaz - se o laço. O hímen em seus pedaços treme.
O vento rasga o céu das bocas que se uniam

Na rendição de seus cansaços.
E o inexato azul que se movia
Como pássaro alumbrado no infinito
Rende-se misteriosamente,
Na arquitetura impiedosa do tempo.

Fortaleza, 27 de janeiro de 2011

PÁSSAROS AZUIS

Fernanda Quinderé

É difícil, muito difícil
Dividir – te em pedaços,
Onde sei moram vidas,
Ventos fortes,
Torres que abrigam intenções, luxúrias,
Mundos diferentes,
A esconder o que não somos
E o que sempre fomos
Construídos nos alicerces
Do desejo,
Da ousadia,
Entre as areias do tempo
Entre os que vêm e os que vão
Como pássaros azuis.

Fortaleza, 2009-03-27

Dia Mundial do Teatro

AS TRAÇAS

Fernanda Quinderé

As traças roem
A veste.
Desconhecem que nela vivi
Histórias.
Roem o tempo
Breve,
Intenso,
Definitivo
Como a lentidão
Dos olhos cheios de natureza,
A apagar o gosto das horas,
Dos dias,
De sangue que não previ.
As traças
Roem
Roem
As dores tatuadas
Na veste,
Espaço atemporal
Que já não habito,
Que já não sei dizer
Por que nela vivi.

Fortaleza, 2019

ARQUITETURA DO IMPONDERÁVEL

Fernanda Quinderé

Inspirado no diálogo entre três poetas da língua portuguesa:
Carlos Drummond de Andrade
Manuel da Fonseca
Craveirinho

Quero-te, poeta.
Sente o tremor
Dos meus seios inocentes
Sob a blusa
Transparente
Que te excita e me desperta.
Desvia teu olhar
Irresponsável de pudor,
Enfrenta o meu olhar em pânico,
Num desejo mútuo, permanente,
Que nem sei bem explicar.
Quero-te, poeta,
Impreterivelmente.
Quero que te faças obsceno,
Que toques minha alma
Na calma convulsiva
Das tuas mãos perdidas.
Que toques os meus seios de menina
Como se menino fosses,
Se vinte anos fosse
A idade de nós dois
A copular ironias.
Quero-te, poeta,
Evidentemente
Quero
Teu olhar despudorado

Num mágico vai-e-vem
Da tua boca amordaçada
Por minha boca trágica
E sã.
Quero que navegues
Nos sulcos fundamentais
Do meu corpo em festa,
Que me retires o musgo
Da camarinha que te abriga
E ressuscites
Fachos de luz, segredos,
Fresca mucosa, mistérios,
Gosto de sal e de vinho
Nos meus lábios
Tatuados de desejo,
Leito, prazer, alimento,
Códigos, seios e senhas
Da tua devoção infantil.
Quero-te, poeta,
Como se fosses o riso da noite,
A estrela da manhã,
O encanto de uma aurora antiga,
A moldar argamassas frescas
Na arquitetura do imponderável.
Quero-te
Assim, tambor
Ecoando a canção da força da vida,
Incoerente e sem nome,
Que zomba e protesta,
Que ama e se deixa amar

Assim,
Sempre
E mais nada.

Fortaleza, julho de 2007

ALMAS GÊMEAS

Fernanda Quinderé

Eis – me aqui
Vestida de mim,
Ajoelhada ante o altar
Do imprevisível.
Transparece em meu corpo a dor do tempo,
Os arrepios.
Transparece em minha alma a força das águas
E do vento,
Fonte que liquefaz
Mágoas de um tempo.
Minhas narinas farejam
O amor.
Nada é maior
Nem a alegria perdida de estarmos juntos.
Eis - me agora,
Deliberadamente
Vestida sem mim,
À espera de achar – te.
E com um naco de desejo
Beijar tuas mãos
E festejar o himeneu inusitado
Das nossas almas gêmeas.

Fortaleza, 22 de março de 2019